

## **Intelectuais e Alteridade: Reflexões sobre *As Raízes e o Labirinto da América Latina* de Silviano Santiago**

ANGELA MARIA DIAS

*As Raízes e o Labirinto da América Latina* de Silviano Santiago constrói-se pela hermenêutica contrastiva entre *Labirinto de la Soledad*, de Octavio Paz e *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Hollanda, e focaliza a sensibilidade dos dois geniais intérpretes, com as lentes do desconstrutivismo de Derrida, conjugadas à perspectiva dos Subaltern Studies. Num momento em que a “consciência da permanência da personalidade nacional ou continental” (2006, p.38) já caiu por terra, o narrador-ensaísta se dispõe a atravessar simultaneamente dois ensaios aparentemente enraizados, em busca de um intervalo, operante em cada um deles, e capaz de transformá-los em “máquinas textuais de diferenciação”, ou seja, de desterritorialização do sentido e dos pertencimentos estáveis.

O trabalho iterativo da significação como interminável diferença entre um elemento presente em relação a algo que não seja ele próprio aqui é encenado para “imprecisar” tanto a narrativa de O. Paz, através da figura contraditória do *pachuco*, quanto a das raízes de S. Buarque, esvaziadas e desvalorizadas diante da “exterioridade vitoriosa da América anglo-saxã” (2006, p.41).

Assim, a eleição da figura do *pachuco* por Octavio Paz, como “ser extremo da mexicanidade” (2006, p.33), contraditoriamente acena para a imagem dos Estados Unidos e constitui o “reflexo do processo de americanização do globo” (2006, p.47).

Tendo escolhido um tipo que designa jovens mexicanos desenraizados moradores na Califórnia e que, em torno aos anos 50, já chegavam a quase um milhão de migrantes, o ensaísta mexicano, segundo a visão de Silviano, pretende “multiplicar ao infinito o peso do *pachuco*” (2006, p.34), tornando-se precursor, em sua época, dos Latin American Subaltern Studies, surgidos nos anos 80.

Deste modo, como “máquina textual de diferenciação interna às Américas do norte e do sul” (2006, p.44), o *pachuco* antecipa, no início dos anos 50, a errância e a marginalidade dos migrantes do mundo pobre no seio da opulência e por isso, segundo Silviano, torna-se o móvel da relativização e mesmo da “subversão maiúscula” (2006, p.46) do “sucesso econômico da empreitada norte-americana” (2006, p.45).

Por sua vez, a eleição do personagem do *barão*, na obra de Sérgio Buarque de Holanda, capturada pela narrativa hermenêutica de Silviano, vai centrar-se num dos achados mais fecundos do ensaio de 1936, voltado para a explicação da histórica fragilidade das instituições políticas no Brasil: “Em terra onde todos são barões não é possível acordo coletivo durável, a não ser por uma força exterior respeitável e temida” (1995, p.25).

Ao vincular a cultura da personalidade com o traço da *sobrancería*, a “imaginação narrativa de Sérgio” (2006, p.81), para falar da história do Brasil, desdobra o barão no “navegante” (2006, p.25) e, sucessivamente, no “semeador-aventureiro” e no “senhor de engenho nordestino” (2006, p.95). Toda esta seqüência histórica, segundo o reconhece Santiago, contraditoriamente, vai resultar no extremo oposto ao personalismo, isto é, no “culto da personalidade”, característico das ditaduras militares e das lideranças carismáticas, em toda a América Latina.

Assim, a postulação inaugural desta “narrativa pós-moderna”, a respeito das “interpretações literárias da identidade latino-americana” (2006, p.75) é a seguinte:

Para amb(a)s, o latino-americano só o é na experiência dos pólos opostos da hierarquia social. O barão — navegante, fundador e civilizador. O pachuco — deserddado, migrante e pária (2006, p.30).

Tal compreensão polarizada revela-se de importância capital, se a conjugo com o anterior reconhecimento do pachuco na “figura do *subalterno* como o personagem nobre da latino-americanidade” (2006, p.28) e, ao mesmo tempo, absorvo a afirmação de John Beverley sobre “a estruturação binária do antagonismo social inerente aos Subaltern Studies” (1999, p.17). Caso ainda acrescente que, segundo o reconhece o mesmo crítico, “a categoria que define a identidade subalterna (...) é a negação”, mais subscrevo a proposição com que Silviano emoldura a sua narrativa sobre o estado atual da “dupla e consolidada colonização da América Latina” (2006, p.30).

Mas penso que, além deste primeiro e mais explícito eixo, o da desigualdade, um outro, mais sutil e persistente na trajetória do autor de *Raízes e Labirinto*, se inscreve na letra deste ensaio ficcional. Trata-se da contraposição entre o intelectual e seu outro, tal como se situa na emblemática na epígrafe de *Labirinto de la Soledad*, tomada a Antonio Machado.

Com efeito, desde 1978, com “O entre-lugar do discurso latino-americano” que Silviano Santiago, vem-se dedicando à difícil auto-análise sobre a própria inserção como intelectual, no seu país e no seu continente problemáticos.

A questão da alteridade no interior do discurso literário e ou teórico, como um dos núcleos mobilizadores do percurso intelectual de Silviano, pode, de início, dialogar, em se tratando da tradição latino-americana de pensamento, com *A Cidade das Letras* de Angel Rama. Segundo John Beverley, esta profunda reflexão sobre o papel ideológico do letrado latino-americano pode ser lida como uma espécie de auto-criticismo, emoldurado pela crise do projeto da esquerda latino-americana, a partir dos anos 80 (p.48). De fato, a extensiva pontuação histórica da prática letrada como constitutiva da identidade das elites e do exercício do poder, levada a efeito por Rama, desde a constituição das primeiras cidades latino-americanas, constitui um significativo marco sobre o assunto.

Como bem o reconhece Ricardo Piglia, em relação à literatura argentina, “há uma grande tradição que percebe uma relação de enfrentamento e de terror extremo”(2001, p.18), entre intelectual e mundo popular, que pode também, como em Sarmiento, ser traduzida pela tensão entre civilização e barbárie. No entanto, analisando o caso de Echeverria, o escritor argentino argumenta que a questão deve ser posta em termos de linguagem. Segundo ele, “há uma verdade implícita no uso da representação da linguagem que vai mais além das decisões políticas do escritor e dos conteúdos diretos da história que se narra. Um efeito da representação que dá vez à voz popular e fixa seu tom e sua dicção” (20001,p.19).

Nesse sentido, baseando-se em outro escritor argentino, desta vez, Walsh, Piglia declara que o escritor é o que sabe ouvir o que o social narra (20001,p.25) e em decorrência disso, passa definir o estilo como um movimento até outra enunciação, como uma tomada de distância a respeito da própria palavra” (20001,p.36).

Certamente tais razões tenham levado Silviano a eleger Octavio Paz e Sérgio Buarque de Hollanda como intelectuais capazes de pensar a alteridade, em dois contextos diferentes e em sentidos opostos e complementares, para determinar a situação atual da América Latina. No primeiro, Santiago louva a hermenêutica do poeta surrealista, que escolhe as “más palavras” (p.174), antigas e familiares na cultura - como *pachuco*, *rajarse*, *aberto e fechado*, *chingada* (p.205) - para nelas fazer emergir o estranhado, ou o latente de remotas

crenças sagradas, baseadas na resistência estoíca, no fechamento e no machismo do nunca abrir-se ao outro, que subordina a mulher e a fataliza como sexo frágil e degradado.

Em Sérgio Buarque de Holanda, segundo Silviano, é o talento do historiador que seleciona algumas palavras, num estilo caracterizado, da mesma forma que o do poeta, pela “abundância vocabular” (p.221). Ao *round-character* “barão” e à *sobranceria*, que lhe seria própria, o ensaísta apõe o binômio “semeador-aventureiro”, para mais adiante acrescentar o “desleixo” como sua característica intrínseca, e então, finalmente concluir pela “cordialidade” como máscara.

E ainda que a “cordialidade” do ex-barão persista como máscara contraposta à do pachuco para representar a polaridade do latino-americano, também para descobri-la como disfarce, Sérgio Buarque teve de abrir-se à alteridade das classes populares e salientar nelas, por exemplo, “o uso de vocábulos no diminutivo, (...) assim como a tendência para a omissão do nome de família no tratamento social” (p.246,247).

Num texto publicado há alguns anos, cheguei a aproximar, apoiando-me em categorias de Zygmunt Bauman, a situação dos atuais migrantes do mundo globalizado do que seria hoje o futuro de *Macunaíma*, e o outro extremo da pirâmide social, o baronato contemporâneo, da viagem sem volta de *Serafim Ponte Grande*.

Segundo o teórico alemão, no nomadismo do mundo globalizado, “a mobilidade torna-se o fator de estratificação mais poderoso e mais cobiçado,” e a anulação tecnológica das distâncias espaço-temporais cria dois paradigmas de comportamento: o turista e o vagabundo. Cada um deles num pólo oposto “da nova hierarquia da mobilidade”: O primeiro, flanando nas alturas do admirável Primeiro Mundo dos “globalmente móveis”(1999, p.96), onde o espaço real ou virtual dilui a anterior geografia e desmaterializa distâncias. O segundo, habitando no antigo império das limitações espaciais e das divisões geográficas, em que a privação sócio-econômica, a exclusão cultural e a desorientação existencial forçam a uma intermitente errância ou a uma obrigatória imobilidade.

Na medida em que “o vagabundo é um consumidor frustrado” (1999: p104), sua descaracterização cultural, e a freqüente inexistência de uma “agenda política própria”, o aparentam, à peculiar ausência de caráter e à incorrigível mania de grandeza de *Macunaíma*, que, além de brasileiro, se considera também latino-americano.

Assumindo a mobilidade forçada do cosmopolitismo contemporâneo, Iracema, a outra heroína da nacionalidade literária brasileira, segundo Chico Buarque, “voou para a América” e hoje, sem dominar o idioma inglês, “lava chão numa casa de chá”.

Aliás, “as compreensões da política” através do romance, ou “a absorção política do texto artístico pelo imaginário do leitor-cidadão” podem ser feitas, segundo Santiago (2004, p.169), numa chave localista ou ainda, numa pauta cosmopolita. Nesse sentido, tentarei testar e ou potencializar a validade dos *round characters* engendrados em *Raízes e Labirinto*, pela projeção deles em romances e produções artísticas que, porventura os tenham aludido, de maneira mais ou menos explícita, retomando-os e ou diferindo-os.

De início, posso pensar as matrizes da cordialidade desde o século XIX, com Manuel Antonio de Almeida, em sua invenção do “malandro” — segundo a seminal interpretação de Antonio Candido — como uma espécie arrivista ou “virador”, cordial e bem sucedido, ao inscrever seus interesses privados na incipiente esfera pública do “tempo do Rei” D. João VI. Segundo Beatriz Jaguaribe, a “dialética da malandragem” constituiria o “correspondente popular” à “prática da cordialidade (...) como opção de equilíbrio entre as contraditórias demandas da modernização brasileira do final do século XIX” (1998, p.49). Ainda segundo a mesma crítica, a imagem da cordialidade encontra uma refinada versão na figura do Conselheiro Aires, o personagem machadiano do *Memorial de Aires* (1908), publicado exatamente num importante momento de transição, quase dez anos depois do fim da escravidão, e logo após a modernização do Rio de Janeiro.

Entretanto, o romance contemporâneo - ou mais especificamente a produção posterior à década de 1970 - em decorrência do crescimento aberrante das cidades e da ampliação da desigualdade social, vem submetendo a máscara da cordialidade a um tipo de experiência urbana extremamente violenta.

Nesse contexto, o que acontece com ela? Como sobrevive, ou submerge, no horizonte das cruéis paisagens contemporâneas?

Numa primeira hipótese, talvez eu possa argumentar que, cada vez mais distante do que Sérgio Buarque denominou de “lhaneza no trato” (1995, p.146), a prática cordial vem-se radicalizando na direção da própria definição etimológica, frisada pelo ensaísta. Eu cito:

(...)cordialidade (...) não abrange apenas e obrigatoriamente, sentimentos positivos e de concórdia. A inimizade bem pode

ser tão cordial como a amizade, nisto que uma e outra nascem do coração, procedem, assim, da esfera do íntimo, do familiar, do privado. (1995, p.205)

À guiza de argumentação, pretendo testar esse viés do conceito em dois contos da literatura recente: o primeiro, de Rubem Fonseca, retirado da coletânea *Romance Negro* (1992) e o segundo, de André Sant'Anna, pertencente à coletânea *Amor e outras histórias* (2001).

Na interpretação que Renato Cordeiro Gomes apresenta do conto de Rubem Fonseca, “A Arte de Andar nas Ruas do Rio de Janeiro”, o que primeiro sobressai é como Augusto, o personagem-narrador-dono de um sobrado no centro da cidade, tenta, em meio à degradação do ambiente e à ruína social” (p.156), recuperar as raízes e buscar a legibilidade de uma urbe sem centro.

Caminhando, qual antigo *flâneur*, em busca de uma epifania, constata apenas a perda da “cidade cordial e malandra (...) agora povoada de mendigos, prostitutas decadentes, grafiteiros, pivetes, assaltantes, camelôs, sem-teto, que a cidade em crise produz, segrega e expele como dejetos” (p.150).

Apesar de que o conto, como o constata o ensaísta, não elege a violência para estruturar o conflito, o olhar nostálgico de Augusto não deixa de registrar, de um lado, o ressentimento dos miseráveis que se expõem sem pejo, para assustar os passantes, e do outro, a poluição, a imundície, os restos, os ratos. Por mais ingentes que fossem seus esforços, na recuperação de uma sociabilidade com o próximo, ou com o ambiente urbano, “a perda da *philia*” como condição a priori da existência urbana” termina sempre por sobrepor-se a qualquer outra constatação ou sentimento.

O segundo conto, “O Importado Vermelho de Noé”, também em primeira pessoa, encarna a voz e o olhar egocêntricos de um personagem de alta classe média, no seu carro de luxo importado, enfrentando uma enchente em São Paulo e submergindo nela, quando se dirigia ao aeroporto internacional, em viagem a Nova York. A obsessão do administrador corrupto pelo dinheiro e pelos signos de sucesso da capital do cosmopolitismo é reiterada pelo tom de delírio crescente do seu monólogo interior, progressivamente engolfado pela intensidade da chuva e da poluição, que acabam por engoli-lo e silenciá-lo, interrompendo o conto e o percurso do personagem na metrópole paulista.

A abjeção social encarnada pelo personagem, ao apagar a existência de qualquer alteridade, que não sejam os seus amigos e cúmplices de corrupção, envenena a intersubjetividade possível, para muito além de qualquer vínculo de uma mera inimizade. O limite aqui é o implausível da loucura personalista elevada ao extremo do delírio patológico.

No atual cosmopolitismo do capital e da tecnologia, arrisco a hipótese de que a face da cordialidade esteja cada vez mais recolhida. E, se assim for, no que se refere aos “barões” contemporâneos, ela só persistiria como o viés mais corrompido do patrimonialismo. Nessa linha, chego a apostar que “a vida social harmoniosa” (p.246), invocada por Silviano para caracterizar a permanência da “cordialidade” na sociedade brasileira, tanto como o “retorno do familiar” já não existem como antes.

Mas, devo interrogar agora a outra ponta, o extremo inferior da pirâmide, ou seja, o pachuco e sua máscara solitária de dândi subalterno. De pronto, o artigo “O cosmopolitismo do pobre”, de Silviano Santiago, responde à minha questão. Não faltam, no mundo contemporâneo, “subjetividades à deriva” (2006, p.48) sobrevivendo nas megalópoles apinhadas e injustas.

Ora, como já vimos, tanto o *Pachuco*, quanto o *Barão* são, segundo o autor de *Raízes e Labirinto*, *round characters*, ou seja, elementos típicos e ficcionais, tomados aos dois ensaios, que de maneiras diferentes, não renunciam ao literário.

Por isso mesmo, posso propor-me investigar a produtividade do pachuco como personagem transitando por romances latino-americanos contemporâneos. De início, me vêm alguns nomes: o do chileno Roberto Bolaño, num romance extraordinário como *The Savages Detectives*, o do boliviano Juan de Ricacochea, no seu interessantíssimo *American Visa* e, last but not least, o do brasileiro André Sant’Anna, mais uma vez lembrado neste texto, desta feita, por seu último romance *O paraíso é bem bacana*.

Em todos eles, a figura do pachuco, por mais variações que apresente, vem sempre despida da antiga altivez, em favor de outras disposições ou urgências.

No entanto, em nenhum dos referidos acima, a condição subalterna é tão radicalizada, como no romance de Sant’Anna. Nele, o protagonista Mané assume a máscara do pachuco, talvez no seu sentido mais visceral, como signo da alienação, “do ser outro dentro de si mesmo”, daquele que dissimula tanto a sua humana singularidade, que acaba por aboli-la.

Trata-se de uma ficção alucinada, repetitiva e prolixa sobre Mané, um dos maiores perdedores da literatura brasileira: um desvalido do interior de São Paulo, espécie pós-moderna de Macabéa, que, por trapanças da sorte, termina em Berlim jogando futebol e, convertido ao Islamismo, comete um atentado terrorista, como homem bomba, só por acreditar nas setenta e duas mil virgens do paraíso de Alá.

Mané, é o subalterno abjeto, cujo suicídio não é entendido por ninguém, assim como o de Bhaduri, a ativista citada por Spivak, no seu artigo seminal. Certamente por isso, ele só aparece em coma, em delírios orgiásticos, vasados num português paupérrimo e estropiado, totalmente tomado pelos clichês da televisão e da comunicação de massa.

A platitude mental, moral e cultural do meio e dos agentes constitui a tônica do relato, a começar pelo narrador, que reúne e articula os fragmentos, também numa língua menor, contundida pelo clichê e sustentada por vícios de expressão e palavras chulas.

De toda a maneira, no panorama atual do romance latino-americano que, segundo Celina Manzoni, recupera e desloca tradições diversas - como a do flâneur, a da boêmia, a do exílio ou a do nomadismo - o pachuco ganha muitas máscaras, mais ou menos *clownescas*, mais ou menos marginais ou perturbadoras, sem abrir mão contudo, do fundo informe que caracteriza sua ambigüidade alienada e abjeta, porque esquiva à reivindicação identitária.

A América Latina pós-desenvolvimentista, no contexto da globalização e dos fluxos, onde tudo circula, o capital, a informação, os transportes, e sobretudo, os homens, só pode ser pensada numa chave cosmopolita, mais além da teleologia estatal. Nesse sentido, *Raízes e Labirinto*, cruzando duas importantes criações, marcantes do “fim do saber literário como fundamento das grandes interpretações” do continente, procura afasta-se da tradição da cidade letrada, e suas fantasias de reconciliação classista em torno do intelectual. Ao invés disso, desenha uma nova hermenêutica, votada a ativar uma perspectiva poético-histórica do atual abismo social e da polarização que ainda caracterizam as “Américas ao sul em contraste ao poder hegemônico da América ao Norte” (p.41). E fugindo a todo e qualquer essencialismo, esta última narrativa de Silviano Santiago busca caracterizar a dinâmica identitária como relacional, e a diferença cultural como um movimento incessante de tradução em que o outro resiste na reiterada diáspora do sentido, hoje, cada vez mais infenso à territorialização da narrativa nacional.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUMAN, Zygmunt. *Globalização As consequências humanas*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1999.
- BEVERLEY, John. *Subalternity and Representation Arguments in Cultural Theory*. Durham/London, 1999.
- BOLAÑO, Roberto. *The Savage Detectives*. Translated by Natasha Wimmer. New York, Farrar, Straus and Giroux, 2007.
- BUARQUE, Chico. *Iracema voou*. IN: *As cidades*.(Compact Disk) . Prod: L.C.Ramos e Vinicius França, Direção Artística.Jorge Davidson, BMG, 1998.
- DIAS, Ângela Maria. “O vértice do nacional: heterogeneidade da herança histórica e bricolage transcultural”. In: *Fronteiras Imaginadas: cultura nacional/teoria internacional*, Rio de Janeiro, Aeroplano, 2001.
- GOMES, Renato Cordeiro. *Todas as Cidades, A Cidade Literatura e experiência urbana*. Rio de Janeiro, Rocco, 1994.
- HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. 26ed. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.
- JAGUARIBE, Beatriz. *Fins de Século Cidade e Cultura no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Rocco, 1998.
- MANZONI, Celina (edición). *La Fugitiva Contemporaneidad narrativa latinoamericana 1990-2000*, Buenos Aires, Ediciones Corregidor, 2003.
- (Compilación, prólogo y edición). Roberto Bolaño la escritura como tauromaquia. Buenos Aires, Ediciones Corregidor, 2006.
- PAZ, Octavio. *El laberinto de la soledad*. Edición de Enrico Mario Santí. 4ed. Madrid, Ediciones Cátedra, 1998.
- PIGLIA, Ricardo. *Três propostas para el próximo milênio (y cinco dificultades)*. Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica, 2001.
- SANT’ANNA , André. *Amor e outras histórias*. Lisboa, Edições Cotovia, 2001
- . *O Paraíso é Bem Bacana*. São Paulo, Companhia das Letras, 2006.
- SANTIAGO, Silviano. *As Raízes E O Labirinto Da América Latina*. Rio de Janeiro, Rocco, 2006.
- . *O cosmopolitismo do pobre*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2004.
- RICACOECHEA, Juan de. *American Visa*. Translated by Adrian Althoff. New York, Akashic Books, 2007.